

**ANÁLISE DA REAÇÃO FRENTE AO TRATAMENTO INJUSTO POR  
MOTIVAÇÃO ÉTNICO-RACIAL A PARTIR DA PERCEPÇÃO DE MULHERES  
NEGRAS NO RIO GRANDE DO SUL****CANDIDO, N. M. O.<sup>1</sup>; DETONI, P. P.<sup>2</sup>, SILVA, S. G.<sup>2</sup>.**

Mulheres negras vivenciam frequentemente situações discriminatórias de cunho racial, que resultam em prejuízos a igualdade e equidade de direitos. Assim, este trabalho teve como objetivo analisar a reação de mulheres autodeclaradas negras perante situação de tratamento injusto percebido por motivação étnico-racial. Trata-se de um estudo com delineamento epidemiológico transversal, realizado entre novembro de 2021 e janeiro de 2022, com mulheres autodeclaradas negras, de idade igual ou superior a 18 anos e residentes no estado do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados por meio de questionário estruturado e autoaplicável no formato online. O principal desfecho estudado, reação a situação de tratamento injusto decorrente de discriminação por motivo étnico-racial, foi avaliado por meio de um bloco específico do questionário validado *experience of discrimination* proposto por Nancy Krieger. O bloco é composto por duas questões, cada uma delas contendo duas opções de respostas referente as reações frente a situações de tratamento injusto. Para a análise de dados foi realizada a dicotomização desta variável definindo-se as categorias como reação “ativa” e reação “passiva”. Como variáveis independentes foram analisadas a idade, escolaridade, renda, tabagismo, consumo de álcool, prática de atividade física, religião, participação em atividades ligadas à questão racial e queixa-crime por discriminação racial. A estatística descritiva compreendeu as frequências absolutas (n) e relativas (%) das variáveis de interesse, enquanto que o teste do qui-quadrado foi utilizado para observar a distribuição do desfecho segundo variáveis independentes considerando-se estatisticamente significantes valores de  $p < 0,05$ . O protocolo do projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o número de parecer 5.042.435. No total, a amostra foi composta por 511 mulheres autodeclaradas negras, com predomínio de participantes com idade entre 25 a 40 anos (43,6%), 12 anos ou mais de estudo (84,9%), renda familiar de 3 a 6 salários mínimos (38,4%) e de religião matriz africana (38,1%). Quanto aos hábitos de vida e condições de saúde, observaram-se que 10,8% estavam tabagistas, 77,1% referiram consumo de álcool e mais da metade da amostra (58,7%) realizava atividade física no tempo livre. Ainda, 60,9% participavam de atividades ligadas à questão racial e 14,3% já tinham apresentado queixa-crime por discriminação racial. Em relação à resposta ao tratamento injusto, a maior parte da amostra estudada se mostrou com reação ativa (93,2%), ou seja, tentaram fazer algo contra o tratamento injusto e/ou conversaram com outras pessoas sobre essa experiência. A análise bivariada da reação ativa perante o tratamento injusto segundo estratos sociodemográficos, condições de saúde e discriminação racial, mostrou que as variáveis com relação estatisticamente significativa com o desfecho foram: ter idade  $\geq 41$  anos ( $p=0,015$ ) e participar de movimentos ligados à questão racial ( $p < 0,001$ ). Logo, o tratamento injusto permanece presente na vida de mulheres negras, tornando-se indispensável entender suas especificidades e implicações. Considera-se que a amostra do estudo foi composta por um grupo de mulheres

<sup>1</sup> Nathyelle Maria de Oliveira Cândido. Estudante. Bolsista de iniciação científica da FAPERGS. Medicina.

<sup>2</sup> Priscila Pavan Detoni. Docente em Saúde Coletiva na graduação em Medicina e no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde - Área de Concentração - Atenção Básica - Saúde da Família e Comunidade. UFFS

<sup>2</sup> Shana Ginar da Silva. Docente. Programa de Pós-Graduação em Ciências Biomédicas. Residência Multiprofissional em Saúde. Curso de Medicina. UFFS/Passo Fundo, RS.

negras escolarizadas, com maiores condições socioeconômicas do que a população negra do estado, envolvidas em atividades de enfrentamento ao racismo e machismo, o que implica na reação frente às situações de racismo nos serviços de saúde.

**Palavras-chave:** Discriminação racial; Gênero; Mulher negra; Serviços de Saúde.

**Origem:** Pesquisa

**Instituição Financiadora:** Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do RS – FAPERGS.